ACTAS DO I CONGRESSO

O Porto Romântico

Volume I

Coordenação
GONÇALO DE VASCONCELOS E SOUSA

«Uma extravagância». A capela tumular de Joaquim Pinto Leite*

*J. Francisco Ferreira Queiroz***

Introdução

Estrategicamente posicionado no Cemitério da Lapa, o jazigo-capela de Joaquim Pinto Leite é um dos mais notáveis túmulos românticos em Portugal. Apesar de, já em 1997, termos assinalado a sua importância histórico-artística[1], só agora nos é possível traçar o processo de edificação e de progressiva ornamentação desta capela tumular, graças a uma recente descoberta de carácter documental.

Assim, no presente trabalho, propomo-nos abordar mais detalhadamente esta edificação funerária, ao nível dos vários artistas que nela intervieram, estabelecendo um certo paralelismo com a capela existente no interior do próprio palacete de Joaquim Pinto Leite, conhecido como Casa do Campo Pequeno[2]. A ideia de extravagância esteve subjacente a ambas as construções, naturalmente coincidindo com o perfil do encomendador. Porém, aliada a esta extravagância esteve sempre

---

* Esta comunicação insere-se no nosso programa de Pós-doutoramento, intitulado "Arte Tumular do Romantismo em Portugal", em curso no CEPESE – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade. Em parte, a comunicação baseia-se também em alguns capítulos da nossa tese de Doutoramento em História da Arte, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 2002, *Os Cemitérios do Porto e a arte funerária oitocentista em Portugal – Consolidação da vivência romântica na perpetuação da memória*, especialmente no vol. I, tomo 1, p. 670-684. Na dita tese, podem ser encontradas, em nota, as referências a algumas fontes que aqui não são mencionadas. Devemos muito do conhecimento que reunimos sobre a família Pinto Leite, ao descendente José de Nápoles, a quem agradecemos.

** Investigador do CEPESE e docente do Mestrado Integrado em Arquitectura da Escola Superior Artística do Porto.

1 QUEIROZ, José Francisco Ferreira – *O ferro na arte funerária do Porto oitocentista. O Cemitério da Irmandade de Nossa Senhora da Lapa, 1833-1900.* Tese de Mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Porto, 1997).

2 Sobre esta casa, veja-se QUEIROZ, José Francisco Ferreira – *A Casa do Campo Pequeno, da família Pinto Leite. Abordagem preliminar a uma habitação notável do Porto Romântico.* Porto, 2004 (separata da Revista da Faculdade de Letras – Ciências e Técnicas do Património, Vol. III), 33 páginas. URL: http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4090.pdf.

a busca da emulação pelo bom gosto, tão notória na elite burguesa esclarecida do Porto, durante o Romantismo.

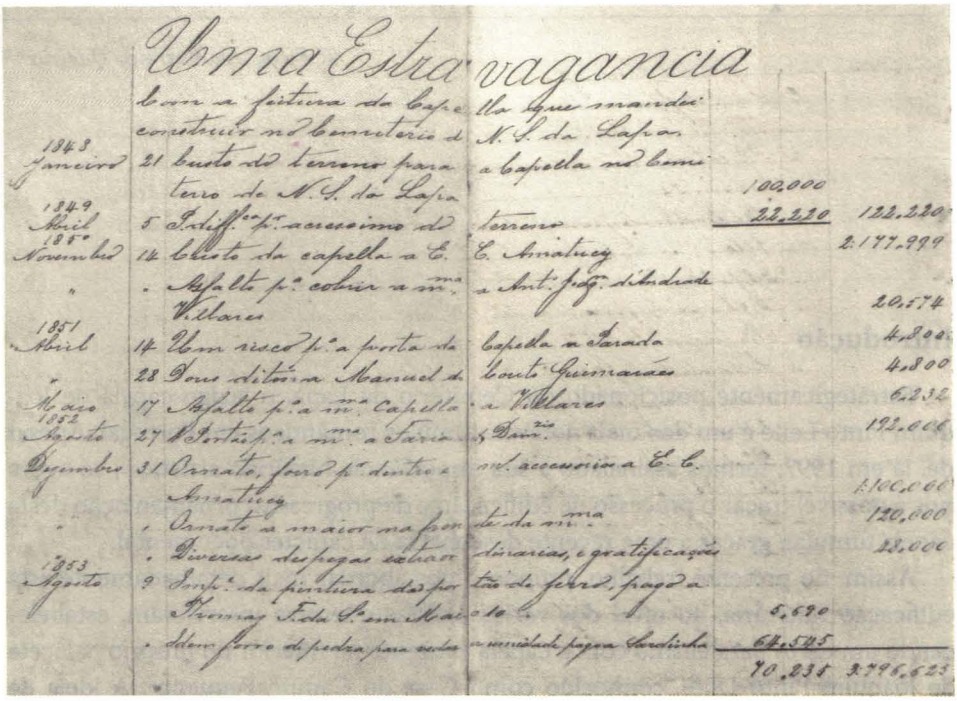

Fig. 1 – Documento da despesa com o jazigo-capela de Joaquim Pinto Leite no cemitério da Lapa, Porto.

Joaquim Pinto Leite e a sua família

Foram vários os Pinto Leite que se notabilizaram como negociantes no Porto, em Lisboa, em Inglaterra e no Brasil. Além de Joaquim Pinto Leite (1805-1880), mencionemos os seus irmãos António, Manuel, Caetano, José, João e Sebastião. Eram todos filhos de António Pinto Leite e de Teresa Angélica Bernardina da Assunção Correia, proprietários da Quinta da Gandarinha, em Cucujães[3].

Joaquim Pinto Leite fez o seu tirocínio comercial durante a década de 1820, no Brasil. Na década de 1830, já residia regularmente no Porto, onde viria a gerir um estabelecimento de tecidos (em sociedade com alguns irmãos), situado na esquina do Largo dos Lóios com a Calçada dos Clérigos. Joaquim Pinto Leite adquiria fazendas por grosso e vendia a retalho. Porém, desde cedo, dedicou-se também à importação de outros produtos e, simultaneamente, ao empréstimo de capital,

[3] Sobre a família de Joaquim Pinto Leite, veja-se QUEIROZ, José Francisco Ferreira – *Os Pinto Leite: uma família influente no Porto romântico. In* "O Tripeiro", 7ª série, ano XXIII, n.º 7, Julho de 2004, p. 212-213.

vindo a constituir uma importante casa bancária, em conjunto com o irmão José Pinto Leite, que fora residir para Londres.

Directa ou indirectamente, Joaquim Pinto Leite teve intervenção no financiamento de diversas empresas – de transportes, de seguros, comerciais e industriais – acabando por ser um dos mais abastados negociantes do Porto do seu tempo.

Embora mantendo fortes ligações ao Brasil, Joaquim Pinto Leite identificava-se bastante com a cultura inglesa, ao nível dos negócios e da postura social. Ainda assim, não se desenquadrava do perfil do burguês portuense abastado, pródigo em demonstrações filantrópicas, apenas escapando a esse estereótipo no que dizia respeito à política, na qual – tudo indica – procurou não ter intervenção activa.

A construção da capela tumular de Joaquim Pinto Leite

Foi em 9 de Janeiro de 1848 que Joaquim Pinto Leite adquiriu um terreno para jazigo de família, à Irmandade da Lapa. O pretexto poderá ter sido a morte de uma menor, sua filha mais velha, finada em Julho de 1846, cujo funeral foi grandioso[4]. Efectivamente, a tradição oral familiar sugere que a urna central do jazigo-capela de Joaquim Pinto Leite encerra os restos de uma criança.

Num interessante caderno de notas, redigido pelo próprio à volta de 1877--1878 – transcrito em anexo[5] e a analisar seguidamente – regista-se o pagamento do terreno, em 21 de Janeiro de 1848. Note-se que a área adquirida era maior do que a de um vulgar jazigo de família, pelo que o terreno teve um custo apreciável: 100$000 réis. Além do mais, supomos que pretendia erigir uma capela excepcional, para isso necessitando, não só de bastante espaço, mas também de um sítio apropriado. Acabaria por ficar com um terreno no enfiamento da rua perpendicular central do Cemitério da Irmandade de Nossa Senhora da Lapa, do lado nascente, inaugurando-se, assim, uma nova secção lateral no dito cemitério, quando a monumental e elitista secção lateral poente ainda não estava sequer toda ocupada com jazigos-capela.

Já em Oitocentos justamente considerada como uma das mais notáveis construções do Cemitério da Lapa, a capela tumular de Joaquim Pinto Leite é profusamente decorada com motivos iconográficos ligados à linguagem romântica da morte, tendo sido a primeira capela construída em pedra mármore no dito cemitério.

Sabemos que as fundações já estavam a ser abertas em Outubro de 1848. Porém, logo o Visconde de Beire protestou contra tal obra, alegando "*que ofen-*

---

[4] Veja-se Queiroz, J. Francisco Ferreira – *Os Cemitérios do Porto e a arte funerária oitocentista em Portugal*, vol. 2, apêndice documental, doc. n.º 20.

[5] Em anexo documental, transcrevemos somente os excertos relativos à edificação do jazigo-capela e à decoração e apetrechamento da capela da sua casa. O caderno em causa contém ainda outros dados avulsos sobre membros da família.

Fig. 2 – Jazigo-capela de Joaquim Pinto Leite no cemitério da Lapa.

dia a pureza da ágoa da (...) mina que passa (...) para a sua quinta do Campo da Regeneração"[6]. Ainda nesse mês, foi feita uma vistoria. Esta, apesar de inconclusiva, não obstaria à celebração de um posterior acordo. Em 5 de Abril de 1849, Joaquim Pinto Leite viria a adquirir mais terreno, por 22$220, indiciando a reformulação do projecto inicial, talvez de modo a obter-se ainda maior aparato.

A edificação da capela decorreu entre 1849 e 1850. De facto, só em Novembro de 1850 a respectiva cobertura foi vedada com asfalto. O fornecedor foi António Joaquim de Andrade Vilares[7]. Nesse mês – segundo o caderno de notas que estamos a seguir – Joaquim Pinto Leite saldou a importante soma de 2:177$999 a Emídio Carlos Amatucci pela edificação da capela propriamente dita.

À época, Emídio Carlos Amatucci era o único mestre canteiro ornatista estabelecido no Porto capaz de erguer esta capela. O seu estilo é bem patente na equilibrada mistura entre o Neopaladianismo – então ainda em vigor no Porto – e um decorativismo de raiz clássica italianizante. Austeridade e ornato conjugam-se perfeitamente na capela de Joaquim Pinto Leite: austeridade, pelo gosto do neoclassicismo de filiação britânica, de volumes graves, linhas bem marcadas e arestas vivas; ornato, pelo uso da pedra mármore e pela adopção de linguagens clássicas mais decoradas, recusando – por exemplo – a ordem dórica tão recorrente no Neopaladianismo.

No referido caderno de notas de Joaquim Pinto Leite, as despesas com a capela parecem ter sido redigidas por volta de 1877-1878, de uma assentada e talvez com base num maço de documentos de despesa acumulados ao longo de anos, os quais podem ter sido depois destruídos. Infelizmente, nestas anotações não se menciona qualquer custo especificamente relacionado com o risco da capela tumular. Assim, cremos que continua em aberto a possibilidade – já em outro trabalho por nós aventada – de ter sido o próprio Emídio Carlos Amatucci a riscar a

---

[6] QUEIROZ, José Francisco Ferreira – *O ferro na arte funerária do Porto oitocentista*, vol. III, p. 120-121, documento n.º 10.

[7] De 17 de Maio de 1852, é uma outra conta de asfalto para a capela, ao mesmo António Joaquim de Andrade Vilares. Supomos que tenha havido algum problema de infiltração de água, revelado aquando do Inverno de 1851-1852, que Joaquim Pinto Leite procurou resolver.

capela. A confirmar-se, tal custo pode ter ficado diluído na referida conta saldada em Novembro de 1850. Porém, no presente estado da arte, não descartamos a hipótese de Emídio Carlos Amatucci ter interpretado, de forma mais ou menos livre, um risco de carácter Neopaladiano, nomeadamente da autoria do arquitecto Joaquim da Costa Lima Júnior. Julgamos ainda possível uma outra hipótese: a de que Emídio Carlos Amatucci tenha seguido um risco neoclássico já menos severo, elaborado por um outro desenhador, nomeadamente pelo engenheiro Manuel José do Couto Guimarães.

O portão do jazigo-capela

Na Primavera de 1851 estava construída a capela tumular de Joaquim Pinto Leite, mas o competente portão de ferro ainda nem tinha sido concebido. Em 14 de Abril desse preciso ano,o mesmo pagou 4$800 por um risco para esse mesmo portão, *"a Parada"*. Trata-se, certamente, do engenheiro Luís Augusto de Parada e Silva Leitão (1811-1858). Irmão mais novo de José de Parada e Silva Leitão (Lente da Academia Politécnica e posterior Director da Escola Industrial do Porto[8]), viria a delinear o monumento efémero erguido na Praça de D. Pedro, aquando da entrada régia de D. Maria II, no Porto, em 1852[9]. Não admira que Joaquim Pinto Leite lhe tivesse solicitado um risco para o portão do seu jazigo-capela. Porém, duas semanas depois, pagou dois outros riscos, agora ao mencionado Manuel José do Couto Guimarães.

Supomos que Joaquim Pinto Leite não tenha apreciado o primeiro risco e foi consultar outro desenhador, que lhe apresentasse obra de melhor efeito. Não podemos descartar a hipótese deste, perante os dois riscos recebidos de Manuel José do Couto Guimarães, ter até preferido o de Luís Augusto de Parada e Silva Leitão. Contudo, o mais provável é que o desenho da capela tenha sido um dos que Manuel José do Couto Guimarães propôs. Aliás, mais tarde, Joaquim Pinto Leite viria a recorrer aos seus serviços para o jazigo-capela, como se verá. Por conseguinte, e tendo em conta o próprio prospecto da capela tumular, não nos espantaria mesmo que tivesse sido também Manuel José do Couto Guimarães a desenhar a parte arquitectónica desta obra. Embora o seu nome seja hoje quase desconhecido, o Eng. Manuel José do Couto Guimarães foi um dos mais notáveis

---

8 SOUSA, Francisco de Almeida e – *Os grandes vultos do Porto. José Parada Leitão. In* "O Tripeiro", 7ª Serie, Ano XI, n.º 2, Fevereiro de 1992, p. 34-39.

9 ALVES, Joaquim Jaime Ferreira – *A entrada régia de D. Maria II no Porto em 1852. In* "O Tripeiro", 7ª Serie, Ano XI, n.º 2, Fevereiro de 1992, p. 52.

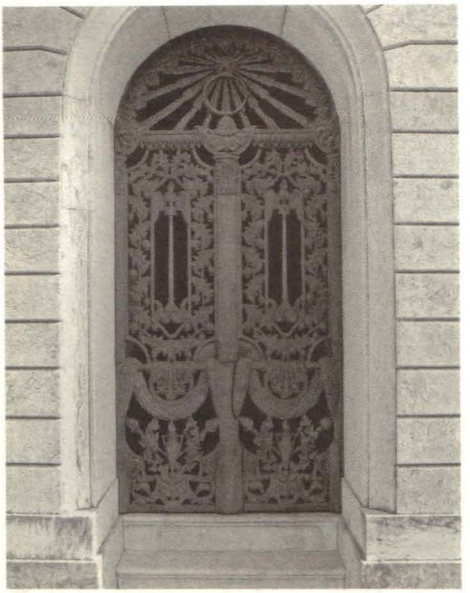

Fig. 3 – Pormenor da porta em ferro fundido.

desenhadores portugueses de Arquitectura de meados do século XIX[10]. Riscou também para cemitérios, para arquitectura tumular e para armações efémeras[11].

Nos seus apontamentos, Joaquim Pinto Leite não menciona o custo da modelação propositada do portão, deduzindo-se que tal custo estava incluído na conta de execução do próprio portão. Portanto, não sabemos quem foi o modelador do mesmo. Antes de conhecermos o caderno com as memórias de Joaquim Pinto Leite sobre o seu jazigo-capela – e tendo em conta que Emídio Carlos Amatucci terá modelado peças para serem fundidas em ferro, destinadas ao Cemitério da Régua e a mando de D. Antónia Adelaide Ferreira[12] – pensámos que Emídio Carlos Amatucci pudesse ter feito o mesmo no caso da capela de Joaquim Pinto Leite. Porém, não temos indicações concretas de que tal tenha sucedido. Apenas podemos deduzir que o modelador deste portão era hábil. Supomos ainda que o modelo terá sido destruído após a fundição, para evitar futuras cópias. Apesar disso, o risco do portão da capela de Joaquim Pinto Leite foi copiado por mais do que uma fábrica portuense, e sempre com modelação de inferior qualidade[13].

Este terá sido o primeiro portão inteiramente em ferro fundido aplicado a um monumento sepulcral no Noroeste de Portugal (Fig. 3). Foi executado na Fundição do Bolhão, pois Joaquim Pinto Leite anotou os 192$000 pagos à firma Faria & Damásio (ou seja, Joaquim Ribeiro de Faria Guimarães e José Vitorino Damásio, fundadores da Fundição do Bolhão, poucos anos antes[14]).

---

[10] Está em preparação uma biografia aprofundada sobre Manuel José do Couto Guimarães.

[11] Foi, aliás, autor do arco revivalista, erguido à entrada da Rua das Flores, aquando da visita dos Imperadores do Brasil, em 1872. Cf. ALVES; Joaquim Jaime Ferreira – *A visita ao Porto dos Imperadores do Brasil (1872). Construções efémeras, ornamentações a artistas. In* "Artistas e Artífices no Mundo de Expressão Portuguesa". Porto, CEPESE, 2008, p. 270-291.

[12] QUEIROZ, José Francisco Ferreira – *A capela sepulcral da família Ferreira. Relações socio-artísticas entre o Porto e a Régua na década de 1840.* Comunicação apresentada no "II Encontro Internacional História da Vinha e do Vinho no Vale do Douro" (Porto, Vila Real, Régua e S. João da Pesqueira, 14 a 17 de Outubro de 2004). *In* "Douro, Estudos & Documentos", n.º 18, Porto, 2004, p. 113-159.

[13] Sobre este assunto, veja-se Queiroz, José Francisco Ferreira – *O ferro na arte funerária do Porto oitocentista.*

[14] QUEIROZ, José Francisco Ferreira – *O ferro na arte funerária do Porto oitocentista*, vol. I, p. 88.

No fim desse ano de 1852, Emídio Carlos Amatucci apresentou uma conta de "*ornato a maior na fronte da mesma*" capela, no valor de 120$000, e ainda uma outra, pelo "*ornato, forro por dentro e mais accessorios*", no valor de 1.100$000 – valor esse que daria para pagar meia dúzia de mausoléus de dimensão média. Portanto, deduz-se que a parte arquitectónica da capela, concluída em finais de 1850, não incluiu as peças de ornato aplicadas na fachada, nem os revestimentos marmóreos do interior.

Entretanto, em 22 de Dezembro de 1852, Joaquim Pinto Leite manifesta a pretensão de mandar fazer um muro pelo exterior da sua capela, para a vedar de qualquer coisa "*menos limpa*". Esta pretensão causou alguma apreensão na Irmandade da Lapa, pois o muro ficaria construído fora do espaço concedido para jazigo. Ainda assim, em 4 de Abril de 1853, Joaquim Pinto Leite acertou com a Irmandade a maneira de fazer a obra, até porque tinha já dado "*princípio a forrar de cantaria* (...) *com nova parede pela parte do Sul, e Norte*"[15].

Entretanto, em Agosto de 1853, terá sido concluída a pintura do portão, conta que foi paga a Tomás F. da Silva. Nesse mês, Joaquim Pinto Leite pagou 64$545, referente ao "*forro de pedra para vedar a umidade* (...) *a Sardinha*". Este Sardinha talvez fosse Francisco Geraldo da Silva Sardinha, o mesmo mestre pedreiro que viria a construir (pelo menos em parte) o palacete do próprio Joaquim Pinto Leite. Francisco Geraldo da Silva Sardinha (pai do arquitecto José Geraldo da Silva Sardinha) era, ele próprio, filho de um mestre pedreiro.

Na obra do forro, também interveio o trolha Matias Alves Bezerra do Rio, o qual recebeu 15$680, em Agosto de 1853[16]. Na mesma altura, Joaquim Pinto Leite pagou 79$200, por doze "*catacumbas de loiza*", a Manuel José Soares. Ainda nesse mês, despendeu outras quantias para acabamentos, nomeadamente: 24 argolas de ferro para as lousas (fornecimento feito por Luís Moreira dos Santos); brunir, lastrar, e betumar as juntas da capela (obra executada pelo canteiro José Joaquim Pinto, por conta de Emídio Carlos Amatucci). Curiosamente, nessa altura, Manuel José do Couto Guimarães recebeu 28$275 por "*1 escada p.ª descer p.ª o subterranio*", ou seja, para o carneiro da capela tumular, onde se encontravam os gavetões, fechados com as referidas lousas.

Em 1855, Joaquim Pinto Leite despendeu mais quantias com a capela, nomeadamente com duas "*pedras de marmore*", as quais foram remetidas por José Sousa Pias, e uma "*urna de pao preto*". No ano seguinte, foram compradas mais três

---

[15] QUEIROZ, José Francisco Ferreira – *O ferro na arte funerária do Porto oitocentista*, vol. III, p. 121, documento n.º 11.

[16] Este Matias Alves Bezerra do Rio deve ser o mesmo que, em 1863, juntamente com outros moradores de Afife, interviria num acordo sobre o aforamento dos maninhos das dunas de Afife (FARIA, Horário – *No Século XIX, as áreas dunares de Afife estavam protegidas*, http://gib.cm-viana-castelo.pt/documentos/20080523150600.pdf). Lembramos que Afife foi terra de trolhas e de estucadores, durante todo o século XIX.

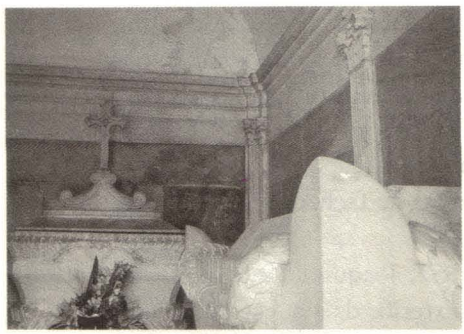

Fig. 4 – Interior da capela no cemitério da Lapa.

urnas, com os competentes escudos de prata, de modo a encerrar as ossadas de alguns familiares.

Foi em Julho de 1862 que Joaquim Pinto Leite adquiriu as duas arcas tumulares de pedra mármore que se encontram no interior da capela, complementando a urna central. Curiosamente, não recorreu aos serviços de Emídio Carlos Amatucci, mas sim aos do seu antigo oficial de canteiro, António Almeida da Costa, tendo-lhe pago 440$000. Em 1877, o mesmo António Almeida da Costa, mentor da Fábrica de Cerâmica das Devesas, viria a fornecer a cruz que hoje está colocada sobre a *"urna de marmore da fronte da capella"*. Esta pequena alteração pode ter sido justificada pela necessidade de diferenciar a arca tumular original face às duas arcas dos flancos, colocadas em 1862, até porque Emídio Carlos Amatucci – falecido em 1872 – concebia os seus túmulos sem que o elemento cruz assumisse grande preponderância (essencialmente, por razões estéticas e de filiação num neoclassicismo mais purista), o que levou a que – mais tarde e em plena vigência do neogótico – tivessem sido adicionadas cruzes a alguns dos monumentos por ele executados.

No total, Joaquim Pinto Leite gastou 4:763$527 com o seu jazigo-capela. Trata-se de um valor exorbitante para uma construção tumular, dado que equivalia ao valor de um bom prédio em banda no centro da cidade. Com gastos de tal ordem de grandeza, e com o recurso aos melhores artistas de que o Porto dispunha, esta personagem logrou deixar para a posteridade uma construção tumular de grande interesse, mesmo a nível internacional.

A capela da Casa do Campo Pequeno

Seguindo o caderno que Joaquim Pinto Leite foi preenchendo com dados sobre a sua capela tumular, encontramos também alguns elementos sobre a capela da sua própria Casa do Campo Pequeno[17]. A concepção desta casa remontará a cerca de 1852. A aquisição de terrenos terá sido iniciada em 1854, sendo de 1857 o projecto para a frente gradeada da casa, indício de que – na época – ali decorriam (ou iam decorrer) obras de vulto[18].

Sabemos que, em Setembro de 1860, foi dado como concluído um prédio no Campo Pequeno, sua propriedade, talvez o dito palacete (até porque Joaquim

[17] Sobre esta casa, veja-se QUEIROZ, José Francisco Ferreira – *A Casa do Campo Pequeno, da família Pinto Leite.*

[18] A.H.M.P., Plantas de Casas, L.º XXI, fls. 93-94.

Pinto Leite, já em Fevereiro desse ano, residia no Campo Pequeno). Mesmo assim, a obra foi sendo complementada e enriquecida nos anos seguintes, sendo a respectiva capela um exemplo paradigmático.

Assim, em 30 de Junho de 1860, Joaquim Pinto Leite pagou, ao negociante António de La Roque, os 33$000 de uma *"comoda de pau de fora com imbotidos"*, e os 120$000 de um *"Santo Christo ou Crossuficio de marfim, com a respectiva piramida e seu resplendor"*. Entretanto, em 10 de Janeiro de 1861, pagou 55$000 ao mesmo, por uma imagem de *"Nossa Senhora e outra de S. José com os respectivos nichos ou descanços"*. É de supor que estas peças se destinavam a guarnecer a capela da casa, prevista para o eixo frontal do piso situado sobre o andar nobre. Porém, em 30 de Setembro de 1865, pagou dois anjos *"para o lado do Altar da Capella"*, por 190 francos, e ainda duas imagens: a da Virgem e a de S. José, cada qual com o custo de 115 francos. Uma vez que se repetem as invocações, é possível que as imagens adquiridas em 1861 tenham sido substituídas por outras, de mais valia, ou então, em 1861, haviam servido apenas para um oratório provisório, enquanto a obra da capela propriamente dita não ficasse concluída.

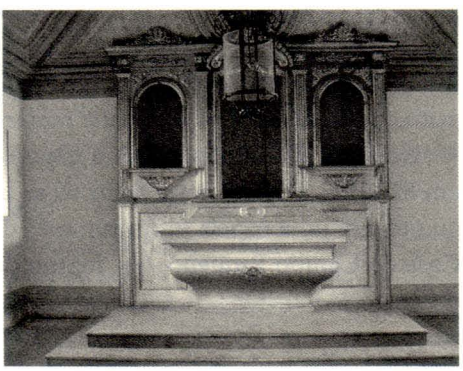

Fig. 5 – Altar da capela da casa da Rua do Campo Pequeno.

Actualmente, a capela está despida da sua imaginária, mas sabe-se que esta estava toda datada e assinada por artistas franceses. O seu retábulo é vagamente neoclássico, com três nichos, sendo mais nobre o central. A capela teve órgão e as competentes pratas litúrgicas. Porém, não encontrámos referência à aquisição destas peças no mencionado caderno. Sabemos apenas que o retábulo, ou *"altar de pinho de felandes"*, foi pago em 29 de Setembro de 1873, a Miguel Correia de Abreu, tendo custado 160$000. Em Abril do ano seguinte, foi paga a conta do seu douramento, à firma Santos & Irmão.

A capela da Casa do Campo Pequeno possui um tecto do tipo masseira, estucado e com pintura, dispondo-se uma mandorla com evangelista em cada uma das quatro faces. Ao centro, pode ver-se uma cruz rodeada de querubins e, nos cantoneiros desta composição, pinturas com espigas e parras – símbolos do sacrifício da missa. Esta pintura foi paga em 23 de Fevereiro de 1878, a *"João Baptista dos Rios"*[19], tendo importado em 54$000.

---

[19] Trata-se do pintor-cenógrafo João Baptista do Rio, autor dos tectos do Teatro Sá de Miranda (inaugurado em 1885), da Igreja Matriz de Viana do Castelo, da Casa dos Werneck e do Palácio dos Viscondes da Carreira, tudo em Viana do Castelo, de onde era natural, embora vivesse no

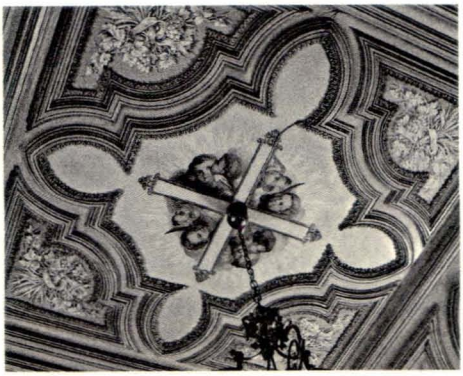

Fig. 6 – Pormenor do tecto da capela da casa da Rua do Campo Pequeno.

Sensivelmente na mesma época em que Joaquim Pinto Leite pagou a obra de pintura do tecto da capela, adquiriu também *"14 rolos de papel pintado n.º 9646"* e *"2 ditos de bordadura p.ª frizos"*, tudo pago em francos, e ainda *"60m de friso dourado para guarnecer o papel"*, este supostamente já comprado no Porto, a José Augusto Wendel. Também da mesma época é a aquisição de um tapete e dos respectivos varões de *"metal amarello"* para o segurar *"nas escadas do Altar"*, e outras miudezas. Note-se que o tapete foi adquirido em França, em Abril de 1877, sendo então descrito como *"56m Tapis moquette relour superieur"*.

No total, as despesas com a capela da Casa do Campo Pequeno importaram em 812$422. Porém, neste valor só se incluiu o recheio e a decoração. Por conseguinte, era uma capela intimista, mas devidamente luxuosa, adequada à escala da Casa do Campo Pequeno, que foi um dos mais interessantes palacetes românticos do Porto.

Anexo documental

Excertos de uma memória redigida por Joaquim Pinto Leite, a qual inclui gastos com a edificação do seu jazigo-capela e com a decoração e apetrechamento da capela da sua casa[20].

"Uma Estravagancia com a feitura da Capella que mandei construir no Cemitério de N. S. da Lapa
1848 – Janeiro – 21 – Custo do terreno para a Capella no Cemitério de N. S. da Lapa – 100$000
1849 – Abril – 5 – P. diff.ca p.r acrescimo do terreno – 22$220
1850 – Novembro – 14 – Custo da capella, a E. C. Amatucy – 2.177$999
1850 – Novembro – 14 – Asfalto p.ª cobrir a m.ma, a Ant.º Joaquim d'Andrade Villares – 20$574
1851 – Abril – 14 – Um risco p.ª a porta da Capella a Parada – 4$800
1851 – Abril – 28 – Dous ditos a Manuel do Couto Guimarães – 4$800
1852 – Maio – 17 – Asfalto p.ª a m.ma Capella, a Villares – 6$232
1852 – Agosto – 27 – Portão p.ª a m.ma a Faria & Dam.zio – 192$000
1852 – Dezembro – 31 – Ornato, forro p.r dentro e m.s accessorios a E. C. Amatucy – 1.100$000
1852 – Dezembro – 31 – Ornato a maior na fronte da m.ma – 120$000
1852 – Dezembro – 31 – Diversas despezas extraordinarias e gratificações – 48$000
1853 – Agosto – 9 – Imp.e da pintura do portão de ferro pago a Thomas F. da S.ª em Maio 10 – 5$690

Porto, tendo sido discípulo do pintor-cenógrafo Paulo Pizzi. Vd. ROSAS, Lúcia – *João Baptista do Rio e o Programa Pictórico Revivalista da Matriz de Viana do Castelo. In* "Artistas e Artífices no Mundo de Expressão Portuguesa". Porto, CEPESE, 2008, p. 85-91.

[20] O acesso a esta fonte devemo-lo ao descendente Licínio Manuel Pinto Leite, a quem agradecemos.

1853 – Agosto – 9 – Idem forro de pedra para vedar a umidade, pago a Sardinha – 64$545
[Transporte] *3.796$625*
1853 – Agosto – 9 – Imp. do forro, ao Trolha Mathias Alz Bezerra do Rio em 18 J.º – 15$680
1853 – Agosto – 9 – P. 12 catacumbas de loiza pagos a Manuel J.e Soares, em 25 J.º – 79$200
1853 – Agosto – 9 – 24 Argolas de ferro p.r as m.mas pago a L.s Mor.ª dos S.tos J.º 10 – 11$520
1853 – Agosto – 9 – 48 puchadores ao m.mo J.º 25 – 14$400
1853 – Agosto – 9 – 2 chaves de ferro p.ª as m.mas – $200
1853 – Agosto – 9 – Pinturas das m.mas a Thomas P. S.ª – 6$950
1853 – Agosto – 9 – Folha de 11 de J.º paga a J.e J.m Pinto de brunir, lastrar, e tomas [sic] *as juntas da capella cujas despezas pertenciam a E. C. Amatucy – 2$640*
1853 – Agosto – 9 – D.ª de 18 na m.ma conf.e – 5$870
1853 – Agosto – 9 – D.ª 25 – 4$460
1853 – Agosto – 9 – D.ª 2 J.lo – 4$000
1853 – Agosto – 9 – D.ª 9 – 5$070
1853 – Agosto – 9 – D.ª 30 – 3$445
1853 – Agosto – 31 – Impt.ª de 1 escada p.ª descer p.ª o subterranio, feita p.r Manuel do Couto Guimarães – 28$275
[Transporte] *4.048$570*
1855 – Março – 31 – 2 Pedras de marmore e desp.as das m.mas pª a capella da Lapa e remett. as p.r J.e Sz.ª Pias – 15$935
1855 – Abril – 21 – Uma urna de pao preto – 16$000
1855 – Maio – 25 – Imp.ª de pedras de marmore p.ª burnir as outras – 1$180
1855 – Junho – 20 – Imp.ª do cumbrimento da capella da Lapa – 78$792
1855 – Outubro – 31 – Idem, de obra de carp.º e pintura no exterior – 29$920
1856 – Janeiro – 21 – 3 Urnas a 16$000 rs – 48$000
1856 – Agosto – 30 – 3 Escudos de prata p.a as urnas que enserrão os restos mortaes de meus paes, irmã Anna e Maria – 8$700
Feitio – 4$500
Gravura das Letras – 10$480
1862 – Julho – 19 – 2 Urnas ou túmulos de pedra marmore comprados e pagos hoje a Ant.º d'Alm.da Costa – 440$000
1862 – Julho – 19 – Idem de 4 colunas de ferro compradas e pagas ao m.mo – 31$450
1877 – Abril – 14 – Imp.ta d'uma cruz de marmore colocada sobre a urna de marmore da fronte da capella comprada e paga a Ant.º d'Alm.da Costa & C.a – 30$000
[Total]
4.763$527"

(...)

"*Porto, 31 de Agosto de 1878*
Relação dos diversos objectos que comprei para a capella da minha casa da Rua do Campo Pequeno, a saber:
1860 – Junho – 30
1 comoda de pau de fora com imbotidos comprada a António de La Roque – 33$000
1 Santo Christo ou Crossuficio de marfim, com a respectiva piramida e seu resplendor que foi do mesmo – 120$000
1861 – Janeiro – 10
2 imagens sendo uma de Nossa Senhora e outra de S. José com os respectivos nichos ou descanços que foram do mesmo – 55$000

1865 – Setembro – 30
2 Anjos para o lado do Altar da Capella – f.cos – 190
1 Virgem – 115
1 S. José – 115
Arrumação – 30
Desconto – 8,50
[total] *441.50*
[equivalente em réis] *79$470*
[Transporte] *287$470*
1873 – Setembro – 29
1 Altar de pinho de felandes comprado a Miguel Corrêa de Abreu – 160$000
1874 – Abril – 24
Pintura dourada do m.mo pago a Santos & Irmão – 120$000
1878 – Fevereiro – 23
Imp.ta da pintura do teto da capella pago a João Baptista dos Rios – 54$000
14 rolos de papel pintado n.º 9646, a 11,75 – 164,50
2 ditos de bordadura p.ª frizos, n.º 9018, a 17,60 – 35,0
[subtotal] *199,70*
Desconto 15% – 30
[subtotal] *169,70*
Transporte de Paris para o Havre – 5
Comissão – 6
[subtotal] *180,70*
Que ao cambio de 180 por franco – 32$526
Direitos do mesmo papel e freto do Havre p.a o Porto – 1$805
1878 – Março – 20 – Pelo feitio do tapete p.a a Capella e mais assecçorios – 14$320
1878 – Maio – 14
Emportancia de diversos varões de metal amarello para segurar o tapete nas escadas do Altar pagas a António José de Souza Guerra – 12$500
60m de friso dourado para guarnecer o papel comprado a J.e Augusto Wendel, a 90 – 5$400
Importância do postura do papel na Capella, pintar e invernizar as janellas da Capella e mais assecçorios – 6$680
1877 – Abril – 23
56m Tapis moquette relour superieur a 8,90 – 498,40
Desconto 3% – 14,95
Caisse e emballage – 8,75
Fret e pais – 12,90
Menus pais e ports – 1,50
Assurance S.e 550 – 7/8% 1/2 police – 6,25
Frais au Havre d'une caisse pagments d'une applique, transport do Havre a Paris, droits de douane, comionages, &c – 9,50
Commission 5% – 26,10
Ao cambio de 180 por franco – 98$721
Direitos do mesmo tapete – 19$000
[total das despesas com a capela da casa]
[812$422]"